Opinião

Um marco na agricultura paulista e brasileira



Mônika Bergamaschi*

AO COMPLETAR 126 anos, o Instituto Agronômico, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo, reafirma sua posição de vanguarda e pioneirismo. Fundado em 1887 por D. Pedro II, como Imperial Estação Agronômica de Campinas, o IAC nasceu antes mesmo do que a própria Secretaria. Este baluarte da pesquisa agrícola brasileira é um dos pilares da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, a APTA, uma das maiores instituições públicas de pesquisa do País, com relevante contribuição na geração de ciência e transferência de tecnologia para o setor agropecuário.

Dados do Conselho Nacional dos Sistemas Estaduais de Pesquisa Agropecuária, o CONSEPA, que reúne dezoito organizações estaduais de pesquisa do País, revelam que, dos cerca de 2.000 projetos de pesquisa em andamento, 1.535 são da APTA.

Todo esse esforço e empenho são materializados e entregues ao setor produtivo em forma de publicações, dias de campo, treinamentos, sementes, mudas e borbulhas. São mais de noventa espécies, como: café Arábica, algodão herbáceo, feijão carioca, arroz de sequeiro e irrigado, milho, cana-de-açúcar, batata, mandioca, soja, seringueira, mamona, os citros, os capins, as frutas de clima temperado e tropical, as hortaliças, as flores, as plantas aromáticas, fitoterápicas, medicinais e os adubos verdes, para citar alguns.

Nos últimos oitenta anos, entre 1932 e 2012, o IAC disponibilizou, em média, 12 cultivares por ano. Na última década, a produção foi ainda mais intensa, com média de 18,5 novas cultivares registradas por ano, sendo que, somente em 2012, foram 31. Nenhuma outra empresa de pesquisa pública estadual ou federal chegou perto dessa façanha: uma nova cultivar a cada vinte dias!

As pesquisas com o melhoramento genético do feijoeiro começaram em 1932, com a avaliação da capacidade produtiva da espécie, do porte das plantas e da resistência às doenças. Na sequência, veio a busca por novas linhagens. Em 1970, pesquisadores identificaram uma planta de maior capacidade produtiva, com grãos de cor creme com listras marrons, e o proprietário da fazenda a chamava de "carioquinha", comparando-a a uma raça de suínos que também tinha listras pelo corpo. Após vários experimentos, foi recomendada como cultivar em 71, com o nome de Carioquinha.

Trabalhos conjuntos com a CATI, Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, também vinculada à SAA, demonstraram aos produtores as vantagens da descoberta. Houve uma revolução no comércio de feijão no País, pois a cultivar superou a tradição do consumo dos tipos rosinha, roxinho, manteiga e jalo. O carioquinha viabilizou o agronegócio feijão no Brasil e, mesmo depois de quarenta e três anos de seu lançamento, ainda é cultivado.

Mas o IAC continuou a busca por genótipos mais adaptados e, nos anos 80, lançou a cultivar IAC Carioca, com potencial produtivo ainda maior e resistente à antracnose – na época, a doença mais agressiva e mais disseminada nas principais regiões produtoras de feijão do Brasil.

Na década de 90, a cultivar IAC Carioca Aruã passou a ser a base genética de vários programas de melhoramento. Na virada do século, veio a IAC Carioca Eté. E a incessante busca por grãos maiores, mais claros, resistentes ao escurecimento, com maior quantidade de proteína, menor tempo de cozimento e melhor qualidade de caldo, fez com que, em 2008, surgisse a IAC Alvorada, considerada padrão de mercado para qualidade de grãos, com excelente produtividade e porte ereto, ideal para colheita mecanizada.

O que parecia bom, ficou ainda melhor. Para comemorar os seus 126 anos, o IAC presenteia a agricultura brasileira com a cultivar IAC Milênio, a número 1000! A nona geração do feijão carioca do IAC, resistente à antracnose e à murcha-de-fusarium, reúne inúmeras características desejadas por produtores e consumidores e chega como uma grande promessa para o setor produtivo.

Uma instituição de pesquisa com esse DNA engrandece São Paulo e o Brasil. O lançamento da cultivar 1000 é um marco histórico na vitoriosa trajetória de sucesso do IAC e da agricultura paulista e, além de merecer todas as reverências, renova as esperanças de que o melhor ainda está por vir. ■

*Secretária de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo